

A manhã nasceu ornamentada de sol, com pássaros alegres, vento fresco e borboletas coloridas, tão igual a todas as outras desde os tempos do primeiro sol. Igual a todas as outras não, porque era a última. O sol era mais dourado, os campos perfumadíssimos, as águas de um azul ímpar e as borboletas mais garridos. Tudo era mais belo, porque último. Minha jornada terminava, a caminhada fora curta e salgada.

Lancei olhares de despedida a todas as coisas, tudo me inspirava para a partida e suspirei: quero levar aos habitantes das trevas a mais bela imagem do reino do sol. Dir-lhes-ei que abandonei o sol para ser o sal, que amo a vida mas prefiro as trevas, o sono e o repouso.

Caminhei nas nuvens, radiante, ondulante, até à beira do lago. Mais uma vez disse adeus a todas as coisas. Mergulhei nas águas paradas que giraram de mansinho à volta dos meus pés e caminhei decidida. O lago subiu-me até aos ombros, até aos maxilares, hesitei uns instantes e refleti rápido: vou, quero morrer, quero ser fantasma para atormentar esse Mwando em todas as noites de lua cheia. O lago subiu-me até às orelhas, adeus tudo, adeus Mambone, adeus Mwando, adeus. Avancei mais, e de repente senti o medo a sufocar-me o peito, gritei, quis voltar atrás, lutei com viva força mas as águas engoliram-me, e só consegui erguer o braço num gesto de adeus e desespero.

Paulina Chiziane (2021). *Balada de Amor ao Vento* (4.^a edição, pp. 35-36). Caminho.



Fonte da imagem